

A PESQUISA LINGUÍSTICA EM VOCABULÁRIOS TÉCNICOS: A EXPERIÊNCIA DO *VÉRITAS MOUSEION*

Irla Suellen da Costa Rocha¹

Janaina Cardoso de Mello²

RESUMO: Esse artigo aborda o desenvolvimento interdisciplinar das pesquisas para a elaboração do *Véritas Mouseion* – dicionário eletrônico de termos museológicos, tendo como objetivo apresentar o processo de identificação e catalogação do *corpus* terminológico que dá suporte à difusão de conhecimentos museológicos. Partindo de uma metodologia de captação de terminologias de uso corrente em textos da área e na prática do ofício cotidiano nos museus, os referenciais teóricos que norteiam os resultados expostos aqui são compostos pelas contribuições de Cabré, Chagas, Cândido, Dias, Krieger e Finatto, Lévy, dentre outros.

PALAVRAS-CHAVE: terminologia; dicionário; museologia; tecnologia.

ABSTRACT: This article discusses the interdisciplinary development of research for the preparation of *Véritas Mouseion* - electronic dictionary of museum terms, aiming to present the process of identifying and cataloging the *corpus* terminology that supports the dissemination of museum knowledge. From a methodology for capturing terminology commonly used in texts and in the area everyday legal practice in museums, the theoretical frameworks guiding the results presented here are composed by the contributions of Cabré, Chagas, Cândido Dias, Krieger and Finatto, Lévy, among others.

KEYWORDS: terminology; dictionary; museology; technology.

¹ Graduanda em Letras Português/UFS. E-mail: irласuellen@gmail.com.

² Doutora em História Social/UFRJ; Professora Adjunta do Núcleo de Museologia/UFS; PROHIS-UFS e PPGH-UFAL. E-mail: janainamello.ufs@gmail.com.

1. Introdução

Uma das palavras mais faladas nos eventos de pesquisa científica sem dúvida é interdisciplinaridade. A sociedade contemporânea não permite estudos isolados; hoje tudo se converge. No dicionário Houaiss (2009), o vocábulo significa o estabelecimento de relações entre duas ou mais disciplinas ou ramos de conhecimento. Numa só ação podemos encontrar múltiplas visões que abraçam os mais diferentes saberes científicos.

Com o intuito de mostrar os caminhos percorridos na pesquisa linguística que envolve o *Véritas Mouseion* – dicionário eletrônico de termos museológicos³, o artigo busca apresentar o processo de identificação e catalogação do *corpus* terminológico que dá suporte à difusão de conhecimentos museológicos.

Tendo como *lócus* para os verbetes os acervos expositivos do Museu Galdino Bicho (MGB) do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE), do Museu de Arqueologia de Sergipe (MAX) e do Museu do Homem Sergipano (MUHSE) aliadas às práticas de digitalização e modelagem conceitual 3D nos acervos expositivos pretende-se correlacionar as informações textuais e imagéticas (digitalizadas).

Através da intercambialidade entre campos de conhecimentos mais gerais e suas especificidades é possível vislumbrar um trabalho que atenda às demandas do século XXI. Dentro desse contexto interdisciplinar é possível explicar a ligação entre Linguística e Museologia, a partir de Japiassu (1976), que caracteriza a interdisciplinaridade pela intensidade das trocas entre os especialistas e pelo grau de interação real das disciplinas no interior de um mesmo projeto de pesquisa.

A realização de uma pesquisa de anterioridade junto ao Instituto Nacional de Propriedade Industrial (INPI) – responsável pelo registro de marcas e patentes – detectou a não existência de um dicionário informatizado contendo

³ Este projeto de pesquisa em inovação tecnológica nasce no Núcleo de Museologia da Universidade Federal de Sergipe (UFS), financiado pelo Programa de Bolsas de Iniciação em Inovação e Tecnologia (PIBITI/CINTEC) e tem entre seus bolsistas uma acadêmica em Letras. O interesse para a produção de um dicionário eletrônico de termos da área da Museologia é resultante de pesquisas realizadas pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Memória e Patrimônio Sergipano (GEMPS/CNPq), durante o desenvolvimento do projeto de pesquisa “*Mnemosine Digital: Banco de Dados sobre Museologia e Patrimônio*”. Este projeto foi o primeiro com bolsa PIBITI vinculado ao GEMPS. O “*Mnemosine Digital*” propôs a criação de um banco de dados que concentrasse, organizasse, catalogasse e sistematizasse *links* de textos em PDF ou Doc. em língua portuguesa sobre “Museologia, memória e patrimônio” disponibilizados na *internet*.

termos ligados à Museologia em língua portuguesa. Assim, o projeto “*Véritas Mouseion* – dicionário eletrônico de termos museológicos”, tem contribuído de maneira inédita para a pesquisa da inovação tecnológica sergipana no âmbito das Ciências Sociais Aplicadas e das Ciências Humanas, ao suprir a lacuna de material referencial na área da Museologia através do desenvolvimento de um dicionário eletrônico terminológico colaborativo bilingue (Port./Ing.).

Por meio da perspectiva interdisciplinar da pesquisa de inovação tecnológica é que os estudos da linguagem vêm contribuindo para a elaboração do dicionário aplicado ao campo museal. Nesse sentido, a composição da equipe formada por diferentes áreas beneficia a amplitude dos estudos, uma vez que cada um fornece uma visão singular no desenvolvimento das atividades de pesquisa técnica. Esta premissa é o que embasa o trabalho de inovação tecnológica, pois mais do que entregar produtos inovadores ao mercado, há uma intensa e intrínseca relação entre os conhecimentos técnicos e científicos que favorecem o saber.

A pesquisa linguística inicial que apresentamos neste texto é decorrente da lista preliminar dos termos selecionados entre 2011 e 2012, seguindo uma metodologia colaborativa multi-institucional, via entrevistas com profissionais de várias instituições museais, para a conexão de sentidos dos verbetes que compõem o dicionário. A produção de um dicionário eletrônico da área da Museologia apresenta um produto tecnológico inovador contendo termos ligados à Museologia em língua portuguesa⁴.

Interligando a digitalização de acervos museais, com os objetos destacados nos verbetes em rotação 360º, o *Véritas Mouseion* busca, através de uma plataforma digital, construir um sentido mais variável, como sugerido por Lévy (1999), a partir da imagem tridimensional associada ao termo referente.

⁴ As referências mais próximas desse projeto provém de André Desvallées e François Mairesse que dirigiram uma primeira coletânea de verbetes lançados em 1993, reeditada em 2005, sob o título de *Dictionnaire de muséologie*. Quatro anos depois organizou-se uma síntese intitulada “*Concepts clés de muséologie*” com a colaboração de importantes nomes internacionais do campo da Museologia.

2. Contextualizando a pesquisa linguística a museológica

Para uma compreensão mais prática e efetiva sobre o que é a Museologia recorreremos à síntese apresentada pelas professoras da Universidade Federal da Bahia (UFBA) Lina Maria Brandão de Aras e Profa Maria das Graças de Souza Teixeira:

A ciência museológica foi considerada, durante muito tempo, como a ciência dos museus, como a disciplina que estudava exclusivamente as práticas desenvolvidas no interior dessas instituições. A partir da década de 70 com a ampliação do conceito de museu e de patrimônio, esse paradigma passou a ser questionado pelos estudiosos da área, a exemplo do museólogo russo A. M. Razgon, que, em 1982, definia a museologia como “uma ciência social que estuda os objetos de museu como fonte de conhecimento”. Esse autor ampliou o conceito, definindo essa disciplina como uma ciência social que percebe o objeto museológico como fonte de conhecimento. (ARAS; TEIXEIRA, 2001)

No Brasil, o primeiro curso superior em Museologia foi fundado em 1979 na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)⁵, e em 2007 a Universidade Federal de Sergipe implantou, na cidade de Laranjeiras (SE), o curso de graduação em Museologia. Em 2009 temos a criação do órgão que é responsável pela Política Nacional de Museus e pela melhoria dos serviços do setor, o Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), uma autarquia federal vinculada ao Ministério da Cultura (MINC).

A partir dessas informações percebemos que se trata de um campo recente do conhecimento científico. Por isso estudantes e profissionais têm apresentado dificuldade na compreensão da linguagem própria da área. Palavras como expografia, expologia, ecomuseu, cibermuseus, cavernas digitais, por exemplo, ainda ecoam como pontos de interrogação nas mentes de recém-ingressos nas universidades ou instituições museais.

⁵ A ideia de um Curso de Museus remonta à criação do Museu Histórico Nacional – MHN, em 1922, idealizado por Gustavo Dodt Barroso, político e escritor cearense, membro da Academia Brasileira de Letras e um dos intelectuais mais atuantes da vertente regionalista e nacionalista das primeiras décadas do século XX. Mas foi somente na gestão do historiador Rodolfo Garcia como Diretor do MHN que foi efetivamente criado um *Curso Técnico de Museus* (Decreto que o criou, nº 21.129, de 7 de março de 1932).

No livro “Arqueologia do Saber”, o filósofo Michel Foucault (2004) chama atenção para a formação dos enunciados e conceitos. Ao descrever como se processa o desenvolvimento da linguagem médica por meio da influência do ambiente, estudos acadêmicos, linguagem técnica, cotidiano profissional, entre outras particularidades, exemplifica como se processa a formação do que chamamos de conceitos dentro do universo da dispersão dos enunciados. Ainda segundo Foucault (2004), não se pode definir nem pelas palavras nem pelas coisas. É preciso definir o regime dos objetos característicos de uma formação discursiva.

O discurso, assim concebido, não é a manifestação, majestosamente desenvolvida, de um sujeito que pensa, que conhece, e o que diz: é, ao contrário, um conjunto em que podem ser determinadas a dispersão do sujeito e sua descontinuidade em relação a si mesmo. É um espaço de exterioridade em que se desenvolve uma rede de lugares distintos (FOUCAULT, 2004, p.61).

Este posicionamento de Foucault ante ao discurso vem a salientar uma atenção do pesquisador no momento que colhe as informações que subsidiam o futuro verbete que será escrito sobre determinado termo. Tal constatação foi observada no contato com a museóloga Angélica Pimenta, chefe da Divisão de Museologia do Museu de Arte Contemporânea de Niterói (MAC). Em entrevista, a museóloga chamou atenção para aplicabilidade de alguns termos dentro da sua realidade; afinal, se trata de um museu que atende a um determinado tipo de arte, e a própria estrutura física dele é tombada como uma obra de arte⁶.

A experiência durante a entrevista corrobora com o apontado por LIMA (2011, p. 97) em que os “sujeitos estão, a todo o momento, imersos em espaços complexos de significação, nos quais desenvolvem atividades discursivas”. Diante disso, a elaboração e a veiculação de memórias para a construção de significados articulam teorias linguísticas, culturais e tecnológicas, constituindo parte do referencial teórico deste projeto de pesquisa. Isso leva ao apontado por Koch (2004) em que

a realidade é construída, mantida e alterada não somente pela forma como nomeamos o mundo, mas, acima de tudo, pela forma como, sociocognitivamente, interagimos com ele:

⁶ O Museu de Arte Contemporânea de Niterói foi projetado pelo arquiteto Oscar Niemeyer em 1991 e edificado em 1996.

interpretamos e construímos nossos mundos da interação com o entorno físico, social e cultural (KOCH, 2004, p.61).

A partir dessa exposição linguística, trazemos a reflexão da pesquisadora Marília Xavier Cury no contexto da comunicação museal e a sua relação com o público, que ao visitar o museu emprega significados ante os objetos dispostos. Segundo Cury (2007), o público de museus tem aumentando a sua consciência quanto aos seus direitos de sujeito cultural no processo de interpretação do patrimônio cultural musealizado. Isso coincide com o cuidado dos estudos linguísticos durante a construção do sentido de vocabulário terminológico específico, e ao objetivo do presente projeto de pesquisa em facilitar a compreensão dos termos museológicos entre estudantes e profissionais museais e sem conhecimento ou formação acadêmica em Museologia.

Dentro da perspectiva de Cury, a Museologia Digital encontra espaço como o ramo da ciência museológica que permite uma maior interação com o novo usuário do museu: o que comenta e compartilha suas impressões na grande rede.

É na interação que as mediações se revelam, da mesma forma que os diversos atores sociais. Nesta perspectiva, o sentido maior do processo comunicacional está na circulação da significação e, para o museu, a apreensão social dos discursos museológicos se efetivaria na circulação da significação. Para o museu emergente a dialógica alcança a dimensão de elemento estruturador e constitutivo do que entendemos ser museu. Se o conceito de museu é mutante, o que cremos ser, o público passa a participar desta transformação (CURY, 2007, p.7).

Em continuidade dos trabalhos iniciados na elaboração do *Véritas Mouseion* – Dicionário Eletrônico de termos museológicos em língua portuguesa, e partindo-se do princípio de que um museu é a materialização da memória coletiva (HALBWACHS, 1990) de um determinado grupo, configurando-se como uma emissão de discursos, o *Véritas Mouseion*, nessa segunda fase, busca ampliar a comunicação tecnológica com os usuários através da interatividade 3D. Filiando-se nesse sentido com a função comunicativa (CHAGAS, 1994) que compõe as atribuições dos museus, pois, segundo Cândido,

[...] é papel dos museus criar métodos e mecanismos que permitam o levantamento e o acesso às

informações das quais objetos/documentos são suportes, estabelecendo a intermediação institucionalizada entre o indivíduo e o acervo preservado (2006, p.34-35).

3. Palavra e Memória: uma relação na construção dos significados

“Enquanto a percepção é a interseção do corpo com o mundo, a memória é a conservação que o espírito faz de si mesmo” (BOSI, 2004, p. 45). Ao retirarmos as palavras percepção e memória e as relacionemos com sensação e ação, respectivamente, é possível perceber o tanto de informações as quais estamos expostos a todo tempo. Em alguns momentos as sentimos, numa espécie de troca com o mundo. Já em outro dado instante verbalizamos essas sensações evocando analogias entre o passado e o presente por meio da língua, seja ela falada ou escrita.

Nesse processo ativo de desenvolvimento da linguagem, em nosso caso para a elaboração dos conceitos dos termos em ambiente digital, a memória funciona como o local em que estão registrados os conceitos, as visões de mundo, valores, identidades e ideologias da sociedade através do profissional museal.

A memória é, sim, um trabalho sobre o tempo vivido, conotado pela cultura do indivíduo. O tempo não flui uniformemente, o homem tornou o tempo humano em cada sociedade. Cada classe o vive diferentemente, assim como cada pessoa (BOSI, 2004, p. 53).

A conceituação das palavras resulta da dinâmica de experiências pela qual o ser humano transita durante toda a sua vida. “As palavras rotulam os processos cognitivos mediante os quais o homem interage cognitivamente com seu meio ambiente” (*apud* BIDERMAN, 1998; LENNEBERG, 1975, p.374). A relação memória e cultura é caracterizada pela função social que estas apresentam através do caráter comunicativo que há entre elas, e que para efeito de pesquisa realiza-se por meio da linguagem.

4. Metodologia aplicada para a construção do *corpus*

No processo de aquisição e desenvolvimento dos conceitos das palavras em ambiente digital, a memória funciona como o local onde estão registrados os

conceitos, as visões de mundo, os valores, as identidades e as ideologias da sociedade. Neste sentido identificamos uma relação entre memória e linguagem caracterizada pela função social com que estas se apresentam através do potencial comunicativo que há entre elas (LE GOFF, 2003, p.421). Trata-se da comunicação de uma informação anterior, na ausência do acontecimento ou do objeto que constitui o seu motivo. Essa ligação entre linguagem e memória mostra como os conceitos são formados, e a Ciência da Informação apresenta um campo de estudo fundamental no qual:

Os espaços de significação são ambientes onde grupos específicos de indivíduos se comunicam entre si e produzem novas formas de cultura e conceitos. Os indivíduos estabelecem uma linguagem que possibilite a troca de informações, consolidando, assim, uma forma específica de comunicar (SOARES, *et al.*, 2011, p.4).

O ambiente digital requer recursos próprios e que sejam facilmente incorporados ao cotidiano dos usuários. O conhecimento dos espaços de significação possibilita a visualização de como devem ser elaborados os verbetes que compõem o *Véritas Mouseion*. O processo de conceituação dos termos museológicos relaciona a linguagem dos usuários com os dados conceituais que diferentes profissionais da Museologia usam para relacionar o termo e seus significados. É neste ponto que faz-se referência à memória que os profissionais das instituições museais empregam como significado propagado e elaborado através da vivência.

Nesse processo de construção da informação faz-se uso da Lingüística de *Corpus* que se caracteriza pelo estudo e extração de dados lingüísticos textuais em um acervo de textos ou *corpus* produzidos por futuros usuários. O verbete é construído através de colaborações multi-institucionais, ou seja, por meio de entrevistas realizadas pelos pesquisadores junto aos profissionais de diversas instituições museais, com o objetivo de coletar informações relativas a determinado termo. Questionamentos sobre o uso, a origem e regularidade do termo no cotidiano profissional, são algumas das proposições levantadas pelos pesquisadores para a elaboração do *Véritas Mouseion*.

Ao tratar deste espaço colaborativo, OLIVEIRA (2007) chama atenção para o papel da *internet* enquanto ferramenta de uso pelos museus. Assim,

a Internet permite uma maior interação com o público, mas também com os especialistas. Além do uso como uma ferramenta de marketing, mencionada por Lévy (1999), a Internet possibilita a montagem de redes de conexão entre várias instituições afins e com objetivos convergentes. Este uso pode ser feito através de listas de discussões, fóruns, rede de comunicação, etc. Em 1994, Fátima Cofan Feijóo da Universidade Complutense de Madrid já fazia um alerta na revista de Museologia aos profissionais dos museus. 'A Internet afectará las relaciones entre los profesionales del museo, por lo que debería existir una estrecha colaboración entre los museos con funciones similares, manteniendo lazos comunes mediante las discusiones on-line de los miembros y colaboradores para mejorar el producto de su trabajo' ⁽¹⁾. (COFAN FEIJOO, 1994, p. 35) (*apud* OLIVEIRA, 2007, p.9)⁷

4.1 Elaborando o *corpus* terminológico do dicionário

O dicionário se revela como um espaço de comunicação interdisciplinar em que os sentidos são explicitados dentro da sua especificidade terminológica. Krieger e Finatto (2004) chamam atenção para a importância da padronização dos significados dos termos, e por meio desta prática é garantida a univocidade da comunicação especializada.

O uso de termos técnicos é um importante recurso para a precisão conceitual nas comunicações profissionais favorecendo, conseqüentemente, a almejada univocidade. A precisão conceitual torna-se uma condição necessária para um eficiente intercâmbio comunicativo, seja no universo da transmissão do conhecimento científico, de contratos jurídicos e comerciais, bem como das múltiplas e variadas proposições de intercâmbio tecnológico e cultural, que se intensificam na atual sociedade globalizada. (KRIEGER; FINATTO, 2004, p.18).

Para a construção do *corpus* terminológico foi realizada uma primeira triagem de termos, através da seleção/extração de um vocabulário museológico integrante das áreas do Projeto Político Pedagógico do Curso de Bacharelado em Museologia da UFS⁸ que contempla as principais grandes áreas da ciência

⁷ "A Internet afetará as relações entre os profissionais do museu, pelo que deveria existir uma estreita colaboração entre os museus com funções similares, mantendo laços comuns mediante as discussões on-line dos membros e colaboradores para melhorar o produto do seu trabalho" (Tradução Livre).

⁸ O PP do bacharelado em Museologia da UFS, foi elaborado entre 2010 e 2011 com base no Referencial da Rede de Professores de Museologia e comparação dos projetos pedagógicos e

museológica: Museografia (Exposições), Conservação Preventiva (Cuidados com acervos e reservas técnicas), Museologia Digital (Memória, Informação Digital e Virtualidade) e Museologia Aplicada (Acervos e processos). Nesta primeira fase contamos com 170 termos catalogados.

Figura1: Sistema Classificatório Dicionário Museologia
(Projeto Político Pedagógico UFS, 2011, p.3)



fluxogramas das graduações em Museologia no país, norteados pelos projetos da UNIRIO e na UFBA, os mais antigos formadores de museólogos no Brasil, sendo aprovado pelo CONEPE-UFS em 2011 para implantação pelo DAA-UFS em 2012-1.

A organização estrutural do dicionário seguirá a metodologia de aplicação dos tesouros, tendo como base a hierarquia de assuntos configurados em uma relação associativa e não de simples palavras isoladas, conceituadas em ordem alfabética. Desse modo, a ênfase do dicionário estará centrada em palavras cujo significado tenha um sentido integrador, de fácil reconhecimento e uso.

Pode-se compreender os tesouros como uma lista de termos associados semântica e logicamente, a qual permite perceber as mínimas diferenças entre as palavras, e que compreende apenas a um domínio específico do conhecimento humano. Portanto, os tesouros podem ser entendidos como “inventários terminológicos organizados de acordo com sua temática e controlados formalmente” (CABRÉ *apud* DIAS, 2000, p. 91). Criados com propósitos específicos em cada área do conhecimento, os tesouros constituirão os verbetes a partir da formação de:

repertórios ou listas de termos autorizados, constituídos por unidades — desertores e não desertores — pertencentes a um domínio particular do conhecimento, relacionadas semântica e logicamente. São utilizados para caracterizar tanto o conteúdo de um documento, quanto o conteúdo das questões propostas pelos usuários. Sua função é, por isso, a de servir como intermediária entre os documentos e os usuários (KOBASHI; LARA; TÁLAMO, 1992, p. 199).

4.2. Análise percentual dos termos

Após o levantamento da primeira triagem de termos foi realizada uma análise percentual com relação à sua função, aplicabilidade e origem científica (em que área do conhecimento os termos eram provenientes). Esta espécie de censo sobre o termo vem para demarcar a premissa inicial enquanto projeto de pesquisa acadêmica, e por seguinte atender a metodologia científica que permeia as teorias de construção do sentido.

A linguagem é de caráter probabilístico, havendo a possibilidade de estabelecer uma relação entre traços que são mais comuns e menos comuns em determinado contexto. [...] o conhecimento acerca da probabilidade e ocorrência da maioria dos traços linguísticos em vários contextos ainda que está sendo adquirido (SARDINHA, 2004, p.24).

A elaboração de um verbete segue basicamente três partes: a seleção da macroestrutura (todas as palavras/vocábulo que serão selecionados a partir da nomenclatura, a microestrutura (a definição e outros componentes) e o sistema de remissivas (que fornece as relações semânticas entre as palavras/vocábulo apresentados na obra), conforme norteia Fromm (2005). Dentre as teorias da terminologia, o projeto “*Véritas Mouseion*” segue o levantamento semântico por definição, denominado de paradigma definicional. Fromm (2005) caracteriza o paradigma definicional em que descrevem-se as unidades de significação. Vejamos seguindo o paradigma definicional o que encontramos:

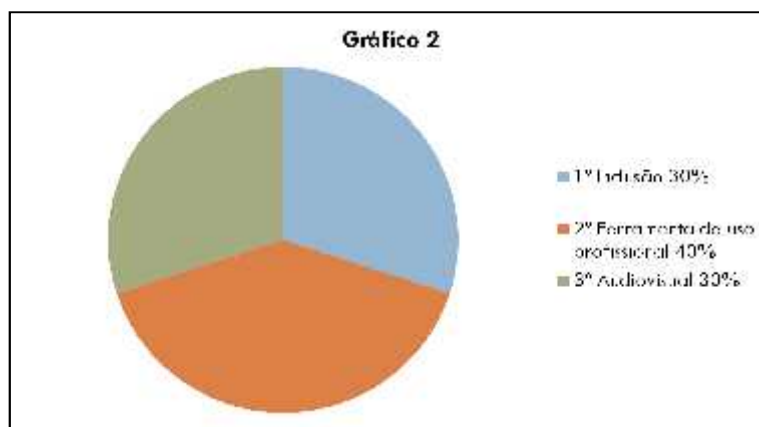
Gráfico 1: Amostra Classificação preliminar dos termos⁹



Com a leitura do gráfico 1 é possível constatar que foi encontrado um percentual alto de palavras que podem ser reconhecida enquanto termo, o que justifica a proposta do projeto de pesquisa de inovação tecnológica. Seguido de um dado relevante do ponto de vista prático da graduação em Museologia, pois verificou-se que o *corpus* também lidava com palavras de ordem técnica, como por exemplo: mapoteca. Conforme definição dada pelo Ministério da Cultura (2006), este termo pode ser compreendido como um tipo de armário utilizado para armazenar, arquivar e acondicionar documentos, normalmente localizada na Reserva Técnica. Através desta definição pode-se compreender o termo “mapoteca” como sendo um equipamento comum ao museu.

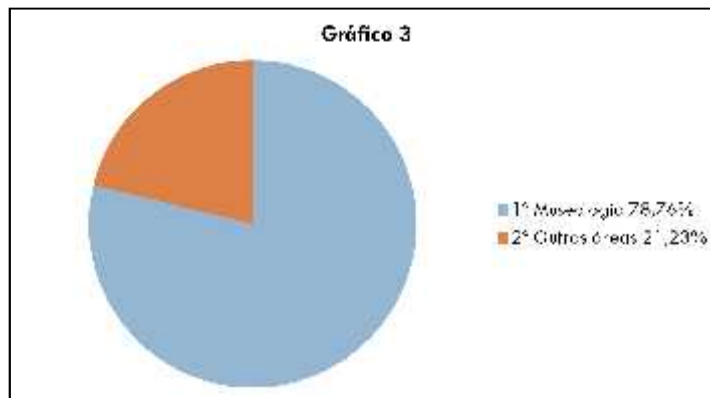
⁹ Adotamos a definição de termo apresentada por Fromm (2005) como sendo a listagem de todas as palavras existentes no sistema de uma língua determinada.

Gráfico 2: Amostra Termos relacionados a EQUIPAMENTOS:



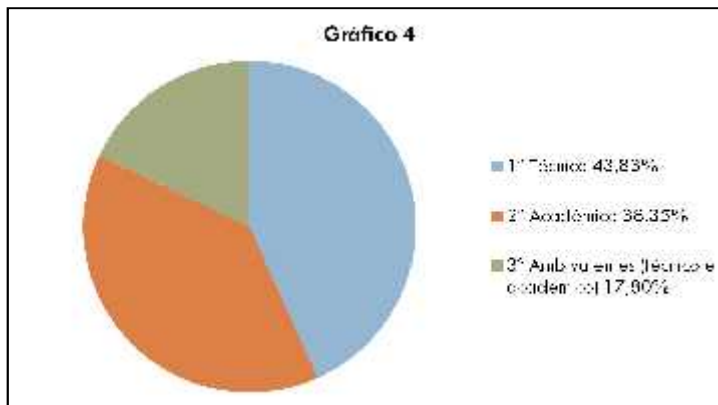
Dando continuidade aos estudos sobre os equipamentos foi encontrado o gráfico acima, que demonstra o quanto o museu busca atender a uma comunicação sem barreiras através de equipamentos e ferramentas inclusivas, como também busca uma maior interação informativa por meio de recursos audiovisuais. Não obstante, há uma presença marcante de instrumentos de uso pessoal do museólogo.

Gráfico 3: Amostra Classificação dos TERMOS quanto à sua origem textual:



O gráfico 3 demarca o caráter interdisciplinar da Museologia (conforme apresentado no capítulo 1 deste artigo), pois demonstra a origem da catalogação destes termos. Além disso pontua a forte presença de um saber específico da área.

Gráfico 4: TERMOS relacionados quanto à função de saber científico no texto:



Nesse último gráfico é possível classificar os termos quanto a sua função e quanto a um saber técnico em relação ao acadêmico, uma vez que a Museologia configura-se como um conhecimento em que a aplicação prática da teoria faz parte do seu cotidiano profissional e científico.

5. Catalogação dos verbetes em fichas terminológicas

Com a amostra dos dados referentes a estudos ante os termos inicialmente listados foi possível perceber que para uma melhor organização dos termos faz-se necessário a criação de fichas terminológicas. Aubert (1996) sugere pistas para encontrar a definição de um termo estão nos contextos em que ele se encontra no *corpus*.

As fichas terminológicas são:

materiales estructurados que deben conter toda la información relevante sobre cada término. Las informaciones que presentan se extraen de las fichas de vaciado o de la documentación de referencia, y se representan siguiendo unos criterios fijados previamente. Hay muchos modelos de fichas teminológicas, de acuerdo com los objetivos de cada trabajo y las necesidades de cada organismo. (CABRÉ, 1993, p. 281-282)

Como Cabré (1993) salienta é um procedimento prévio, ou seja, que antecede a elaboração dos verbetes, e vem para facilitar e organizar o trabalho terminológico. Este método é coerente ao paradigma definicional, pois podemos relacionar na ficha o contexto em que o termo no *corpus* aparece, e assim explicitar com maior clareza a sua definição que será coletada em entrevistas. Confira o exemplo de uma ficha terminológica:

Tabela 1: Ficha Terminológica

Termo: Webmuseu

Área museológica: Museologia Digital

Rede museológica: Museologia Digital				
Entrada: Webmuseu	Formas equivalentes: <i>Webmuseum</i>	Categoria gramatical: substantivo	Sigla:	<i>Corpus</i> : 11
Contexto A: Estudo abordando os museus de arte criados na Web (webmuseus) a partir de uma perspectiva informacional.		Conceito 1: Tipo de museu	Fonte: Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (Brapci) da UFPR. Disponível em: http://www.brapci.ufpr.br/ic.php?dd99=about 16.08.2012	
Contexto B: Este museu projecta-se como um Webmuseu no sentido comunicacional, interactivo e em rede, valorizando os indivíduos, contextos, memórias, tendo, como recurso privilegiado, as novas tecnologias, no sentido da construção de conteúdos relacionados com a emigração.		Conceito 2: O museu na web enquanto espaço de visitação	Fonte: Museu da Emigração e das Comunidades. Disponível em: http://www.museu-emigrantes.org/ 16.08.2012	
Termo dicionarizado: () sim (x) não Definições coincidentes: () sim (x) não () parcial Fonte (s): Dicionário Aurélio, Dicionário Houaiss			Definição dicionarizada:	
Hiperônimo de: Hipônimo de:			Sinônimo (s): Webmuseum Antônimo (s): Conceitos relacionados (s): museu virtual, museologia digital	
Notas:				

6. Conclusão

A maioria dos termos inicialmente catalogados não se encontra em dicionários tradicionais da Língua Portuguesa, e principalmente quando as palavras são compostas ou escritas em idioma estrangeiro. É difícil também encontrar sentidos unívocos em meio ao trânsito interdisciplinar das instituições museológicas, universidades, ONGs, ou outras instâncias que têm entre seus profissionais arquitetos, cientistas da informação, programadores de computador, museólogos, etc.

Desse modo, o dicionário eletrônico de termos museológicos em se configura como um instrumento de informação digital, uma vez que é elaborado como um *software* em nuvens, armazenando informações dispostas através de recursos audiovisuais, utilizando vídeos, arquivos sonoros, fotografias e imagens em 3D, que facilitam a compreensão dos termos e a fixação do seu significado, propiciando uma maior facilidade do sentido empregado pelo dicionário no cotidiano profissional e científico museológico.

Referências Bibliográficas

ARAS, L.; TEIXEIRA, M. **Os museus e o ensino de história**. Disponível em: <http://www.ichs.ufop.br/perspectivas/anais/gt1603.htm>. Acesso em 14 de jul. 2012.

AUBERT, F. H. **Introdução à metodologia da pesquisa terminológica bilíngüe**. São Paulo: Humanitas Publicações-FFLCH-USP, 1996.

CABRÉ, M. T. **La terminología. Teoría, metodología, aplicaciones**. Barcelona: Editorial Empúries, 1993.

CÂNDIDO, Maria Inez. Documentação museológica. In: **Caderno de diretrizes museológicas**. 2ª ed. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura/Superintendência de Museus, 2006:10-92.

CHAGAS, Mário Souza. Em busca do documento perdido: A problemática da construção teórica na área da documentação. In: **Cadernos de Sócio Museologia nº2**; 1994:33-54.

CURY, M. X. **Comunicação museológica em museu universitário: pesquisa e aplicação no Museu de Arqueologia e Etnologia-USP**. Disponível em: <http://www.revistasusp.sibi.usp.br/pdf/cpc/n3/a05n3.pdf>. (Acesso em: 20/09/ 2012).

DIAS, C. A. Terminologia conceitos e aplicações In: **Ci. Inf.**, Brasília, v. 29, n. 1, p. 90-92, jan./abr. 2000.

FOUCAULT, M. **Arqueologia do Saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves, 7. Ed. Rio de Janeiro: Forense, 2004.

FRANCISCO, D. J. **Novas Tecnologias na Informática**: como podemos utilizar tais recursos na formação acadêmica. [slides] disponível em: <http://www.cintec-ufs.net/simtec-opi/2010/page.php?idpage=6> . Acesso em: 28 out. 2011.

FROMM, G. **A construção do sentido em vocabulários técnicos**. Disponível em: <http://www.ileel.ufu.br/guifromm/upload/aconstrucaodosentidoemvocabulariostecnicos.pdf> . Acesso em: 26 out. 2011.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 1990.

INTERDISCIPLINAR, In: HOUAISS, A. & VILLAR, M. (Org.). **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. CD.ROM, v. 3.0.

JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e Patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

KRIEGER, Maria da Graça; FINATTO, Maria José Bocorny. **Introdução à terminologia**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2004. 223 p.

KOBASHI, N. Y.; LARA, M. L.; TÁLAMO, M. de F. G. Moreira. Contribuição da terminologia para a elaboração de tesouros In: **Ci. Inf.**, Brasília, 21(3): 197-200, set./dez. 1992.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Introdução à lingüística textual**: trajetória e grandes temas. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

LE GOFF, J. **História e memória**. 5. ed. Campinas, SP: UNICAMP, 2003.

LÉVY, P. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa, 1ª edição. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LIMA, G. de O. S. Memória, história e linguagem: processos referenciais em depoimentos sobre Lampião. In: BEZERRA, Antônio Ponciano; CORRÊA, Leda (Org.). **Linguagem e história**. São Cristóvão, SE/ Aracaju, SE: EDUFS/Fundação Oviêdo Teixeira, 2011. p. 97-113.

MELLO, J. C. de; BARROSO, C. de A. V. C. Mnemosine Digital: banco de dados sobre Museologia e Patrimônio. In: **IV Encontro Regional de História - ANPUH-Rio. Anais eletrônicos**. Rio de Janeiro: UERJ, 2012. Disponível em: http://www.encontro2012.rj.anpuh.org/resources/anais/15/1338427452_ARQUIVO_MinemosineDigital.pdf. Acesso em: 16 de novembro de 2012.

MINISTÉRIO DA CULTURA, **Princípios Básicos da Museologia**. Disponível em: http://www.cultura.pr.gov.br/arquivos/File/downloads/p_museologia.pdf. Acesso em: 16 de ago. 2012.

OLIVEIRA, J. C. A. de. **O museu na era do ciberespaço**. Disponível em <http://www.uff.br/ciberlegenda/artigojoseclaudiofinal.pdf>. Acesso em 31 de out. 2011.

SARDINHA, Tony Berber. **Linguística de corpus**. São Paulo, SP: Manole, 2004.

SOARES, M. S. B., et al. Espaços de significação e a representação da informação. In: **Encontro Regional de Estudantes de Biblioteconomia, Documentação, Ciência da Informação e Gestão da Informação**, 15., São Luís, 2011.

NUNES, V. M. M. Do IHGSE à UFS: construção de fazeres museológicos em Sergipe. In: NOGUEIRA, A. D.; NUNES, V. M. M. (Orgs). **O despertar do conhecimento na colina azulada**:

Irla Suellen da Costa Rocha e Janaina Cardoso de Mello _____

a Universidade Federal de Sergipe. 2ª edição. São Cristóvão: Ed. Universidade Federal de Sergipe, 2009, p. 113-134.

Recebido: 30/11/2012

Aceito: 05/05/2013